



Frei José Teixeira, defensor do Falso de Veneza: sebastianismo e cultura política na Europa setecentista

Friar José Teixeira advocate of Venice False: Sebastianism and
political culture in the seventeenth century

Filipe Duret Athaide

doutorando

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Brasil

fduret@gmail.com

Recebido em: 22/10/2016

Aprovado em: 10/01/2017

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a participação do dominicano português José Teixeira na trama do Falso d. Sebastião de Veneza. Condenado à morte em 1603, o falso rei veneziano foi um dos mais significativos casos de falsos reis portugueses ocorridos durante a União Ibérica (1580-1640). Por sua vez, o envolvimento de Frei Teixeira no caso, e a consequente publicação das “*Adventures admirables*” em Paris no ano de 1601, contribuíram para o estabelecimento e fixação do sebastianismo letrado.

PALAVRAS-CHAVE: Sebastianismo, Falso de Veneza, cultura política.

ABSTRACT: This article aims to examine the participation of the Dominican Portuguese José Teixeira in the plot of the False d. Sebastian Venice. Sentenced to death in 1603, the Venetian false king was one of the most significant cases of fake Portuguese kings occurred during the Iberian Union (1580-1640). In turn, the involvement of Friar Teixeira in the case and the subsequent publication of "Adventures admirables" in Paris in 1601, contributed to the establishment and fixation of erudite Sebastianism.

KEYWORDS: Sebastianism, False Venice, political culture.

Paris, 1601. Dentre os inúmeros livros publicados na capital francesa, estava um de autoria atribuída ao dominicano português conhecido por Frei José Teixeira, intitulado *Adventure admnirable par dessvs toutes les aotres des siecles passes & present*¹. Poderia ser apenas mais um, entre tanto, se não fosse sua matéria. Em suas páginas, o autor expôs sua oposição ao governo

¹ O título completo do texto de Teixeira é: *Adventure admirable par dessvs tovtes les aoutres des siecles passez & presente par laquelle il appert euidentment, Que D. Sebastian vray & legitime Roy de Portugal, incognu depuis la bataille qu'il perdit contre les infideles em Aphrique, l'na 1578 est celuy mesme que les seigneurs de Venise ont detenu prisonnier deux ans & vingtdeuz iours finis au XV Decembre dernier passé*. A fim de facilitar a leitura, a partir deste ponto, tal obra será referenciada somente como *Adventure admirable*. TEIXEIRA, José (Frei). *Adventure admirable par dessus toutes les autres des siècles passez & present*. Paris: [s.n.], 1601.



Habsburgo em Portugal. Junto com outros autores e escritos contemporâneos, foi responsável pela delimitação do sebastianismo não como uma crença messiânica, mas como uma manifestação essencialmente política. O objetivo deste trabalho é, portanto, observar, no escrito do religioso português, como se deu esta concepção política da crença sebastica.²

Mesmo antes de seu nascimento e batismo, d. Sebastião recebeu a designação de “O Desejado”. Em 20 de janeiro de 1554, era o primeiro na linha de sucessão dos Avis. A intrincada genealogia da qual fazia parte ajuda a compreender a complexidade que levou ao surgimento do movimento messiânico régio português que lhe tomou o nome. Filho do Infante D. João e de Joana de Áustria, o jovem monarca era neto paterno de D. João III e materno de Carlos V. Entretanto, a relação familiar era um tanto mais complexa, uma vez que sua avó paterna, Catarina de Áustria era irmã de Carlos V. Este, por sua vez, casou-se com aquela que viria ser a avó materna de d. Sebastião, Isabel de Portugal, irmã de d. João III. Deste matrimônio, frutificou Joana de Áustria, mãe do Desejado, e seu tio, Filipe II, que anos depois, tomaria o controle da coroa portuguesa. Na verdade, a prática de aproximação das casas dinásticas ibéricas já se desenhava pelo menos desde o reinado de d. Manuel, com o casamento deste com Isabel e Maria de Aragão, ambas filhas dos reis Fernando II de Aragão e Isabel I de Castela, e depois com Leonor de Áustria, neta por via materna dos reis católicos. A expectativa que cercava o nascimento do Desejado foi, em certa medida, alimentada pelo temor que pairava desde a época do Venturoso, de uma união entre as duas coroas. Se durante o período manuelino a ameaça se mostrava por meio de seus sucessivos casamentos com princesas Habsbugos, já na segunda metade do século XVI, o receio era que os casamentos entre os filhos de Carlos V e d. João III pusessem em perigo a soberania lusitana. Tal quadro se agravou em 2 de janeiro de 1554, quando faleceu o jovem infante d. João, antes do nascimento de seu filho e pela posterior morte do rei, d. João III, em 1557. Assim, além de ter seu nascimento celebrado por todo o reino, d. Sebastião foi aclamado rei com apenas 3 anos. A regência ficou à cargo de sua avó, d, Catarina, e depois de seu tio avô, o cardeal d. Henrique até 1568, quando finalmente o Desejado assumiu o posto para o qual foi preparado e esperado.

² O fato de Frei Teixeira pertencer à Ordem dos Pregadores deve ser levado em consideração, uma vez que, segundo Marques, “os dominicanos acabaram por se envolver nas aceras disputas geradas pela crise dinástica aberta e não escaparam a divisões internas inevitáveis. A disciplina religiosa, o imperativo patriótico e a interpretação do direito de sucessão serviram de justificativo, a não poucos membros ilustres da ordem, para alinhamentos, resistências e rebeldias não apenas no decurso do período conturbado do interregno de 1580-1581, como nos anos imediatos do domínio filipino.” MARQUES, João Francisco. **Obra selecta**. Lisboa: Roma Editora, 2010, t. I, v. II, p.10.



Esta sumária descrição da genealogia do Desejado, porém, deve ser considerada em conjunto não só com o seu reinado, mas com toda uma gama de aspectos culturais que o precederam, e aos quais não me deterei aqui.³ Na mesma medida, há um extenso debate sobre a juventude do monarca, sua formação e educação, e o ímpeto que o conduziu às duas jornadas pelas terras africanas (a primeira em 1574; a segunda e derradeira em 1578), e que tinham como objetivo de retomar o controle das praças portuguesas que foram perdidas ao longo da primeira metade do XVI, o que levou Braudel a caracterizá-lo como “o ultimo rei cruzado”⁴. Cabe, porém, a exposição do contexto no qual a segunda campanha foi levada a cabo, uma vez que um aspecto específico de seu desfecho – o paradeiro de d. Sebastião – se relaciona intimamente com o texto publicado por Frei Teixeira em 1601.⁵

Durante a primeira metade do século XVI os sáidas expandiram seu controle pelo norte da África, principalmente na região do Marrocos. Em 1553 tomaram a cidade de Marrakesh, mas só conseguiram se estabelecer definitivamente na região em 1554. Este processo, porém, não se deu apartado das conjunturas que envolveram Portugal, Espanha e o Império Otomano. Marcos resultantes da expansão ultramarina lusa estavam sob o controle do Desejado praças importantes na costa marroquina, como Ceuta (1415), Tânger (1471), Mazagão (1514); em contrapartida, houve perdas significativas, como as de Santa Cruz do Cabo da Gué, em 1541 (controlada desde 1505) e de Arzila, em 1550. Tais disputas, entretanto, não resultaram de ou em alianças entre os sáidas. Em 1557 assumiu o trono marroquino Moulay Abdallah al Ghalib Billah. Sua ascensão iniciou uma disputa fratricida pelo reino, que culminou com a fuga de seus irmãos mais novos para o Império Otomano. Com a morte de Ghalib Billah em 1574, seu filho mais velho, Muhammad al-Mutawakkili – Mulei Mohammad para os portugueses – toma seu lugar. Neste momento, seu tio, Moylay Abd al-Malik – Mulei Malik ou Moluco – passa a pleitear seu direito na sucessão. Segundo Lucette Valensi “a sucessão ao poder deveria normalmente passar o irmão mais velho do falecido sultão, e não ao seu filho”⁶. Por mais que a autora não problematize a sucessão entre os sáidas – que obedecia a regras mais complexas do que a descendência e colateralidade familiar – o fato é que Malik contou com apoio turco na disputa, a qual venceu em

³ Sobre a multiplicidade de fatores que contribuíram para a conformação da crença sebastica, ver: HERMANN, Jacqueline. **No reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)**. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 33-41.

⁴ BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1984, 2v.,p.558.

⁵ Para maiores detalhes das jornadas africanas, assim como a análise das crônicas da época e da historiografia sobre o evento, ver: HERMANN. **No reino do Desejado**, p. 96-120. VALENSI, Lucette. **Fábulas da memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do Sebastianismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 17-69.

⁶ _____. **Fábulas da memória**, p. 12.



1576, quando foi aclamado em Fez e Marrakesh, sem não antes banir o sobrinho. Neste momento, mais uma vez, as histórias de ibéricos e magrebinos se cruzaram. Mohammad buscou, inicialmente, o auxílio espanhol, o que foi negado por Filipe II, que aparentemente não tinha interesse em se colocar em conflito aberto contra os turcos, e segundo alguns estudiosos, já havia se comprometido em apoiar Malik. O príncipe deposto teve mais sucesso com o monarca português. Em junho de 1576 o Desejado já havia tomado sua decisão: ira ao Marrocos, em auxílio a Mohhamad. Resolução declarada, d. Sebastião recorreu ao tio, em busca de assistência para a campanha. Filipe II foi bastante reticente a esta demanda, oferecendo ao sobrinho, menos do que o solicitado. Sem debater aqui os motivos que levaram o rei português a buscar o apoio do soberano espanhol, e o posicionamento deste, tanto no que diz respeito à aliança com Malik quanto ao socorro ao sobrinho, há que se considerar que este ambiente de alianças políticas e militares era bastante complexo, o que levou alguns cronistas da época e a boa parte da historiografia portuguesa a considerarem d. Sebastião como ingênuo e fanático.⁷

Diante das inúmeras dificuldades em aprovisionar os meios necessários para a jornada, esta foi adiada em um ano (estava prevista para o verão de 1577). Finalmente, as tropas foram reunidas, e em 24 de junho partiram rumo à África. A quantidade de combatentes varia muito conforme as fontes, mas esteve entre 14 a 20 mil homens, e entre eles, cerca de 10 mil portuguesas, 2 mil castelhanos, 3 mil alemães e cerca de 600 italianos, aos quais se juntaram as escassas tropas de Mohammad. O confronto ocorreu no dia 04 de agosto de 1578, e seguindo as crônicas de época, o oponente Malik contava com um número de combatentes cerca de três vezes superior ao dos portugueses. O desfecho não poderia ter sido mais dramático. Além da derrota dos portugueses, a Batalha de Alcácer Quibir, trouxe como consequência o desaparecimento dos três líderes envolvidos, motivo pelo qual o confronto também ficou conhecido como Batalha dos três reis. Tal resultado promoveu, no mínimo, duas reações em Portugal, e que se ligaram, posteriormente, com a obra de Frei Teixeira que será aqui analisada: a especulação acerca do paradeiro dos combatentes e, principalmente, do Desejado e a preocupação (e os posteriores questionamentos) no que diz respeito ao destino da administração do reino.

As informações sobre a batalha percorreram um longo e tortuoso caminho até chegarem ao reino, quer pela distância, quer pelas dificuldades de comunicação da época, ou ainda pelo baixo número de portugueses que sobreviveram à batalha e que conseguiram escapar do cativeiro

⁷ Para os aspectos envolvendo a criação de d. Sebastião, ver: HERMANN. **No reino do Desejado**, p. 73-85.



marroquino. Cerca de uma semana depois do conflito, os primeiros relatos dando conta da derrota portuguesa começaram a chegar ao reino. Em Lisboa, provavelmente aportaram entre os dias 10 e 12 de agosto. Ao adentrar à capital do reino o mensageiro ficou mantido em segredo e procedeu-se uma verdadeira censura oficial sobre palavras e escritos que versavam sobre o combate. Se por um lado os portugueses não podiam, aquela altura, imaginar a amplitude das consequências advindas do desfecho da batalha, por outro, as especulações acerca do resultado desastroso dela não faziam senão se reproduzirem. Um dos cronistas da época, o genovês Ierônimo de Franchi Conestaggio, informou que:

Não havia viv'alma em Lisboa que não tivesse interesse nessa guerra: aquele que ali não tinha o filho, tinha o pai, uma o marido e outra o irmão; os negociantes e manufactureiros que ali não tinham parentes, enquanto muitos dentre eles os tinham também, ali tinha seus dinheiros, os quais, em parte para ganhar, e em parte por não os ter podido retirar, haviam emprestado aos fidalgos e aos soldados. Por esta razão, tudo era tristeza; cada um parecia prognosticar ter perdido as pessoas e os bens que tinha na África; e embora estivessem ainda incertos, ouviam-se entretanto, gemidos surdos.⁸

Este ambiente de incertezas fomentou ainda mais o temor dos portugueses sobre o destino de seus familiares, soberano e reino. Assim, este período inicial viu surgir uma série de explicações que tentavam justificar a falta de notícias sobre a batalha, assim como o estabelecimento de uma verdadeira rede de adivinhos, que com suas práticas pouco ortodoxas, desvelavam os acontecimentos passados e prediziam os futuros. Tais informações desencontradas e vaticínios produzidos no calor das expectativas deram conta da sobrevivência do Desejado. A confirmação de sua morte, entretanto, se deu em 24 de agosto, pelas mãos de d. Francisco de Souza, que trazia cartas de Belchior do Amaral, onde este afirmava ter participado, em Fez, do sepultamento do rei português. Nos dois dias seguintes, os sinos de todo o reino dobraram a morte do soberano. Na manhã do dia 27 de agosto, tiveram início as cerimônias de exéquias, necessárias para que o próximo Avis em linha de sucessão – o tio avô de d. Sebastião, o Cardeal d. Henrique – pudesse ser aclamado rei, no dia seguinte. Entretanto, um ponto deve ser destacado, uma vez que fará toda a diferença não só para a conformação e fortalecimento da crença sebástica, como também, (e de forma mais específica) será uma das bases da argumentação de Frei Teixeira: a ausência do corpo real nas cerimônias de exéquias realizadas em

⁸ CONESTAGGIO, Ieronimo de Franci. *L'union du royaume de Paris à la couronne de Castile*. Besançon, 1596, p. 570. *Apud*. VALENSI, **Fábulas da memória**, p. 18.



agosto de 1578 e a consequente incerteza sobre a morte do rei. Sobre esta questão, Hermann indica que

Não é difícil imaginar que essa desconfiança estivesse bem disseminada no reino, quando da declaração oficial do falecimento do monarca. A esperança na volta dos soldados – filhos, irmãos, maridos, pais – ainda não abandonara os parentes do desafortunado exercito que seguiria para o Marrocos. Os funerais do rei não tinham o corpo do morto; nenhum português o vira ferido ou cativo; as histórias sobre os doentes encapuzados alimentavam as duvidas sobre a sorte do Desejado. Se ainda havia alguma esperança que a cabeça do reino estivesse a salvo, por que não acreditar que seu corpo também pudesse ser, pelo menos em partem recuperado?⁹

Vários foram os relatos e crônicas que descreveram a peleja e seu desfecho, inicialmente produzidos em língua estrangeira. Levou tempo até que as primeiras narrativas impressas surgissem em língua portuguesa, o que segundo Lucette Valensi não impediu a imensa circulação de relatos redigidos em português e por portugueses, e que na sua grande maioria, assumiram um tom de defesa da imagem do agora Encoberto, bastante diminuída pelos escritores estrangeiros.¹⁰ Os que criam na sobrevivência do Desejado, descreveram a sua fuga, acompanhado de parte do seu séquito, ou disseram que se escondera encapuzado, entre os soldados que conseguiram escapar do cerco inimigo.¹¹ Além disso, as próprias informações divulgadas por aqueles que afirmavam sua morte pareciam suscitar dúvidas sobre o fato. O reconhecimento do cadáver teria sido feito no dia seguinte ao confronto, por dois servos do monarca, que se encontravam cativos após a batalha. A provável desfiguração do corpo pelos ferimentos do duelo, assim como sua exposição ao calor causticante do deserto foram argumentos usados por aquele que afirmaram não ser este o corpo de d. Sebastião. O fato é que este corpo fora sepultado em Fez como sendo do monarca português, inaugurando uma série de cerimônias envolvendo os despojos reais. Para Valensi, os reiterados ritos envolvendo d. Sebastião

Traduzem uma pedagogia e uma política. Em primeiro lugar, do lado marroquino, era preciso administrar a prova da morte do rei, depois garantir a conservação do corpo até sua restituição, epílogo diplomático do longo confronto com os ibéricos. Do lado ibérico, tratava-se de exibir a morte do rei para tornar legítima a sucessão de Filipe II à herança portuguesa.¹²

⁹ HERMANN, *No reino do Desejado*, p. 131.

¹⁰ VALENSI, *Fábulas da memória*, p. 21.

¹¹ HERMANN, *No reino do Desejado*, p. 128.

¹² VALENSI, *Fábulas da memória*, p. 33.



Por mais que autora não considere, na passagem acima destacada, que antes da legitimação de Filipe II como herdeiro do trono português, houve, anteriormente, a necessidade de garantir a legitimidade da aclamação do Cardeal, o que também só foi possível mediante às já citadas exéquias que tiveram lugar em Portugal no final de agosto de 1578. Assim, até este momento, são contabilizadas duas cerimônias fúnebres: a que ocorreu em Fez, após a batalha, na qual foi inumado provável corpo de d. Sebastião, e a de Lisboa, que mesmo sem a presença do cadáver, permitiu a ascensão de d. Henrique. Em dezembro do mesmo ano, foi desenterrado e transportado para Ceuta, onde permaneceu até 1582, quando Filipe II finalmente repatriou o corpo, promovendo novamente, todo o ritual de sepultamento típico daqueles destinados aos monarcas. Contudo, a presença de um corpo enterrado no Mosteiro dos Jerônimos não foi suficiente para dissipar a incerteza que cercou a sua morte ou a presunção de sua sobrevivência.

Paralelamente à questão do corpo, houve a questão hereditária, transmutada em crise dois anos após a batalha. Constatada a morte de d. Sebastião em agosto de 1578, a linha de sucessão indicava o Cardeal d. Henrique como herdeiro. A idade avançada do Cardeal na época de sua aclamação – 66 anos – assim como sua condição celibatária e sua saúde instável, favoreceram o estabelecimento de um clima de incerteza em relação ao futuro do reino.¹³ Numa tentativa de garantir a sobrevivência da dinastia de Avis, foram postas em prática duas ações estratégicas conjuntas. A primeira, buscava a liberação dos votos do religioso junto à Roma; a outra, buscava uma candidata para o casamento com o Cardeal. Ambas falharam, muito provavelmente devido à ação de Filipe II, que desde a confirmação oficial do destino do Desejado, pleiteava ser o sucessor do monarca português. Além de Filipe II, tio de d. Sebastião e neto de d. Manuel por via materna, concorreram ao trono d. Catarina, Duquesa de Bragança, d. Antônio, Prior do Crato, Emanuel Filisberto, Duque de Sabóia, todos primos de Filipe II; Ranuccio Farnese, filho de Alexandre Franese, Duque de Parma e de Maria de Portugal (era sobrinho de d. Catarina), e ainda, Catarina de Médicis, com base em remota ligação com o rei d. Afonso III. De todo modo, os três primeiros, Filipe II, d. Catarina e d. Antônio foram os que realmente lideraram a disputa.¹⁴

Em junho de 1579, o Cardeal – cuja saúde era cada vez mais frágil – nomeou uma junta de cinco governadores e onze juizes que deveriam conduzir e arbitrar a transmissão da coroa. Dos cinco governadores, apenas um se mostrava claramente contrário a Filipe II. Em 31 de janeiro de 1580, faleceu d. Henrique, sem declarar quem escolhera como seu sucessor, não

¹³ HERMANN, *No reino do Desejado*, p. 156.

¹⁴ Para um resumo dos debates jurídicos acerca da sucessão, ver: CUNHA, Mafalda Soares da. A questão jurídica na crise dinástica. In: MATTOSO, José (dir). *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1993. v.3. p. 552-559.



obstante os incansáveis esforços de Filipe II para que fosse ele o eleito. Com a morte do último Avis, o reino passou a ser governado pela junta nomeada no ano anterior. As pressões de Filipe II aumentaram, e suas tropas já estavam prestes a invadir o reino. Ao ser comunicado do óbito do tio, o Prior do Crato retornou para Lisboa, e de lá partiu para Santarém, onde foi aclamado defensor do reino em 19 de junho de 1580.¹⁵ Na verdade, d. Antônio contava com um pequeno séquito, que, mesmo fraco e desarmado, o seguiu até Lisboa, onde três dias depois, arriscou articular uma cerimônia de aclamação como rei, que não chegou a acontecer. A reação de Filipe II foi rápida, e sob o comando do temido Duque de Alba, as tropas castelhanas, que já estavam prontas para invadir Portugal, o fizeram ao final de junho de 1580. Em 25 de agosto do mesmo ano, d. Antônio foi derrotado na Batalha de Alcântara.¹⁶ Ferido, conseguiu fugir das tropas de Alba, iniciando assim um exílio no qual passou pela Inglaterra, França e Açores, de onde tentou, com certo sucesso, organizar nova resistência à dominação filipina, e que durou até 1583. Novamente sobrepujado pelas tropas castelhanas, finalmente se refugiou em Paris, onde morreu pobre e abandonado pelos seus seguidores, em 1595.

É neste cenário composto pelo desaparecimento do monarca associado à perda de autonomia política e resistência à dominação estrangeira que o Sebastianismo foi sendo delimitado. Considerado um clássico exemplo de messianismo régio, a crença sebástica associou elementos presentes de longa data no horizonte cultural lusitano aos acontecimentos do século XVI. Fenômeno múltiplo, não cabe aqui ensaiar quais destes aspectos contribuíram à sua formação, tampouco a problematização sobre suas manifestações e aspectos eruditos ou populares.¹⁷ Segundo Hermann,

Não é tarefa fácil definir ou explicar o sentido dessa manifestação que ficou conhecida como “sebastianismo”. Cunhada com o nome do rei desaparecido no Marrocos, essa modalidade de crença passou a estar associada à fé na volta de um rei-salvador que viria resgatar o reino

¹⁵ Para a conturbada relação de d. Antônio com o seu tio, Cardeal d. Henrique, além da própria trajetória política do Prior do Crato, que será descrita rapidamente adiante, ver: HERMANN, Jacqueline. Um rei indesejado: notas sobre a trajetória de D. Antônio, Prior do Crato. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 59, p.141-160, 2010.

¹⁶ Sobre a ação de Filipe II, comandada pelo Duque de Alba, e o uso da força militar associada às medidas diplomáticas e sabotadoras do monarca espanhol, ver: VALLADARES, Rafael. **A conquista de Lisboa: violência militar e comunidade política em Portugal (1578-1583)**. Lisboa: Texto Editores, 2010.

¹⁷ Nesse sentido, Hermann destaca que: “O sebastianismo foi em parte fruto da tradição celta; forma de expressão da luta pela soberania portuguesa; construção evada de messianismo judaico; transposição de elementos da mística castelhana, messianismo, mito. Fenômeno múltiplo e complexo, portanto, deitou suas raízes, provavelmente, em elementos da conformação cultural portuguesa anteriores ao desastre de Alcácer Quibir; no entanto, esboçou sua formulação particular num tempo específico de crise e incertezas, marca indiscutível do período em que se seguiu à dominação filipina, no final do século XVI, e prolongou-se para além da primeira metade do século XVII.” HERMANN, **No reino do Desejado**, p. 181.



português das mãos dos castelhanos e restaurar a honra e a soberania perdidas. Esse sentido vulgarizado, entretanto, longe esteve de esgotar os significados atribuídos às diferentes formas assumidas pelos discursos e textos que passaram a pregar a necessidade da espera de um rei-messias, desde o final do século XVI e ao longo do século XVII, período em que, pode-se dizer, “nasceu” o sebastianismo propriamente dito.¹⁸

Dessa maneira, os textos produzidos no final do século XVI e início do XVII tem especial importância para o estabelecimento do messianismo régio português. Dentre os escritores do período, d. João de Castro é considerado por João Lúcio de Azevedo como o “futuro apóstolo do sebastianismo”¹⁹. Neto do homônimo vice-rei da Índia, Castro integrou o séquito antonista, até a segunda fuga para Paris. Lá, diante da decadência e abandono sofrido por parte de seu senhor, acabou por abandoná-lo, e a divulgar que d. Sebastião, outrora Desejado, encontrava-se Encoberto. D. João deixou 22 manuscritos, e dois deles circularam impressos. O primeiro, intitulado “Discurso da vida do sempre bem vindo et aparecido Rey Dom Sebastian”, foi editado em Paris, no ano de 1601.²⁰ O segundo, “Paraphrase et concordância de algumas Prophecias de Bãdarra, sapateiro de Trancoso”, publicado na mesma cidade, no ano seguinte. Até onde se tem notícias, foram nas páginas da Paráfrase de d. João de Castro que as trovas de Bandarra foram impressas.

Se o percurso da vida de d. João de Castro é mais documentado e, assim como suas obras, mais debatido e analisado,²¹ as investigações são escassas sobre a trajetória de Frei Teixeira e seus escritos. Ainda assim, as informações preliminares levantadas sobre o dominicano permitem algumas considerações importantes. Segundo Martim Albuquerque,²² Teixeira teria integrado a corte do Desejado, e provavelmente atuou como um dos agentes que participaram das fracassadas negociações do casamento do monarca português com Marguerite de Valois. Ao contrário de d. João de Castro, Frei José Teixeira não seguiu com d. Sebastião para a segunda jornada africana, que culminou no desaparecimento do rei. Porém, integrou com d. João e vários

¹⁸ _____. **No reino do Desejado**, p. 178.

¹⁹ AZEVEDO, João Lúcio de. **A evolução do sebastianismo**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947, p. 32.

²⁰ Segundo Hermann, este foi “provavelmente o primeiro texto explicitamente messiânico associado à figura do rei desaparecido na Batalha de Alcácer Quibir. Além disso, foi também, do ponto de vista da cultura letrada, a primeira vez que d. Sebastião apareceu encarnando a figura do Encoberto”. HERMANN, **No reino do Desejado**, p. 199.

²¹ Dentre os trabalhos mais recentes sobre D. João de Castro, destacam-se os produzidos pelo historiador português João Carlos Gonçalves Serafim, tais como: _____. **D. João de Castro, "O Sebastianista": meandros de vida e razões de obra**. 2004. 3 v. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2004; _____. **A aurora da Quinta Monarquia (1604-1605)**. Porto: Citcem/Edições Afrontamento, 2011; _____. **Elevar um rei com vaticínios: textos e pretextos no caso do Rei D. Sebastião de Veneza (1598-1603)**. **Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Santa Maria, n. 49, p.77-96, 26 dez. 2014. Universidade Federal de Santa Maria.

²² ALBUQUERQUE, Martim. **Estudos de cultura portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984, p. 286.



outros indivíduos – alguns deles religiosos – o séquito antonista. Participou da resistência em Alcântara e na Ilha Terceira, além de ter seguido o Prior do Crato em seu exílio. Provavelmente, alguns de seus contatos franceses da época em que foi intermediário de d. Sebastião nos assuntos matrimoniais foram retomados, uma vez que à época da morte de d. Antônio, o dominicano já integrava a corte de Henrique IV de França, de quem era capelão. Foi neste momento que a produção textual de caráter sebastianista e anticastelhana de Teixeira se desenvolveu. Antes de publicar a *Adventure admirable*, deu à impressão, em 1595 (ano do falecimento do Prior do Crato), *Le miroir de la procedure de Philippe Roy de Castille em l'usurpacion du Royaume de Portugal*, no qual defende a tese de que o herdeiro legítimo do trono lusitano era d. Antônio, e que Filipe II dele havia se apoderado de forma violenta. Segundo Albuquerque, a produção textual de Frei Teixeira tem relevância no contexto da época devido ao seu teor eminentemente político. Já o texto que será aqui debatido – *Adventure admirable* – assume um caráter panfletário do sebastianismo de forma alternativa, uma vez que tem como ponto de partida a defesa do Falso de Veneza como o verdadeiro rei desaparecido no Marrocos.

Durante o período da Dominação Filipina (1580-1640) são conhecidos quatro casos de indivíduos que se fizeram passar pelo Desejado. Tais casos ficaram conhecidos como os “falsos d. Sebastião”. O primeiro apareceu em Penamacor, fronteira de Portugal e Espanha, em 1584; o segundo, em Ericeira, litoral norte de Lisboa, em 1585; o terceiro, em Madrigal, na Espanha, em 1594 e o quarto, em Veneza, em 1598. Por mais que estes casos sejam geralmente reunidos por sua cronologia, algumas diferenças podem ser observadas entre eles. A que tem relevância para a análise aqui proposta diz respeito aos locais de ocorrência. Enquanto os três primeiros apareceram dentro dos espaços ibéricos, o quarto, conhecido como “Falso de Veneza” emergiu fora dos domínios Habsburgo. Outro ponto que merece destaque é aquele levantado por Jean-Frédéric Schaub, quando diz:

Os impostores de Penamacor e de Ericeira são pessoas cujas aventuras são anteriores à fixação do sebastianismo como corpo de crenças articuladas. Deve-se essencialmente ao clérigo exilado, d. João de Castro, partidário do pretendente d. Antônio, a formalização da mitologia sebastianista e a constituição da rede de apoio europeia. É ele que opera a junção entre a tradição profética joaquimita, muito presente nos meios franciscanos portugueses desde o século XV e os círculos de partidários do pretendente vencido.²³

²³ SCHAUB, Jean-Frédéric. **Portugal na monarquia hispânica**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001, p. 58.



Apesar de considerar relevante o papel dos religiosos e de seus escritos, quase sempre manuscritos, no assentamento da crença sebástica, o autor acaba por “inverter” o processo, e considera, sem aprofundar a questão, os casos dos falsos de Madrigal e Veneza como indícios do estabelecimento deste “sebastianismo como corpo de crenças articuladas”. Todos os casos ocorreram antes das publicações impressas de Teixeira e Castro, o que, de fato, não as impede de terem circulado amplamente de modo manuscrito, possibilitando algum contato dos falsos com estas e várias outras obras.²⁴ O que questiono aqui é a relevância dada a estes escritos, em detrimento de manifestações de caráter mais “popular”, com os dos falsos reis e visionárias, e sem se considerar minimamente seus contextos e prováveis objetivos de produção, assim como suas formas de circulação. Entretanto, é o próprio Schaub que aponta o caráter essencialmente político desses escritos, ao afirmar que:

A expectativa do regresso de d. Sebastião tornou-se um recurso político para os círculos hostis à união dinástica, mas também um sinal que permitia a outras potências europeias jogarem com a eventual ilegitimidade da captação de Portugal por Filipe II. A complexidade do fenômeno torna-se ainda maior caso se tenha em conta o fato de o milenarismo católico, que se encontra na própria raiz da crença sebastianista, ser uma matriz cultural que determina tanto esta aspiração rebelde quanto o discurso oficial da Monarquia Católica triunfante.²⁵

Nesse sentido, a *Adventure admirable* de José Teixeira assume, assim como os escritos de d. João de Castro, papel central na configuração da crença sebástica, tendo o texto do dominicano uma inclinação mais política, enquanto o de Castro, mais calcado nas interpretações proféticas. Portanto, se por um lado é impossível considerar a escrita de Teixeira sem levar em conta o contexto no qual foi gerada, além da produção de outros semelhantes a ele em tema ou conteúdo, é necessário, da mesma forma, atentar para suas especificidades: a crença na sobrevivência de d. Sebastião após a batalha e a alegação de que o Falso de Veneza era verdadeiramente o rei extraviado no Marrocos, que esteve encoberto até seu ressurgimento na Península Itálica. Sobre o mito do rei encoberto, Yves-Marie Bercé indica que ele não foi uma exclusividade portuguesa.²⁶ A partir do exame de casos contemporâneos ao de d. Sebastião – o de Francisco II (1595), pretense filho de Carlos IX de França e do príncipe Dimitri da Rússia (1598), o autor identifica três padrões de virtudes presentes nos três casos: o *rei sacrificial*, que tem como fundamento o

²⁴ Os casos de falsos não seriam, assim, “produtos” desse estabelecimento do sebastianismo letrado, mas integrados e gerados de forma concomitante aos escritos de Teixeira e Castro, sendo impossível e contraproducente estabelecer uma linha hierárquica, cronológica ou de causalidade entre eles.

²⁵ SCHAUB, *Portugal na monarquia hispânica*, p. 60.

²⁶ BERCÉ, Yves-Marie. *O Rei oculto: salvadores e impostores. Mitos políticos populares na Europa Moderna*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2003.



horizonte cultural no qual a vida religiosa, monástica e reclusa era uma possibilidade e modelo de vida; o *rei tutelar*, que oculto de forma quase mágica, em ilhas, grutas ou outros mundos, aguardava o momento exato para retornar do exílio; e finalmente o *rei cauteloso*, aquele que sabia usar melhor as informações que obtinha, das mais variadas formas, com o objetivo de manter e proteger o reino. Assim, a *Adventure admirable* parece investir numa argumentação que transita ente o caráter sacrificial e tutelar de d. Sebastião. Segundo Bercé,

A fé na função expiatória do rei podia paradoxalmente conjugar-se com a esperança de sua sobrevivência. Talvez, com efeito, o rei não tivesse morrido na batalha, talvez tivesse escolhido morrer para o mundo e encontrado o expediente da guerra para desaparecer aos olhos de todos, súditos fiéis assim como inimigos. A louca esperança começava com a busca do corpo do rei. Quando o silêncio caía sobre os lugares dos combates, à luz de lanternas, servidores sobreviventes iam percorrer o campo de batalha, examinando as túnicas ensanguentadas dos cadáveres e escrutando seus rostos imóveis. Esses companheiros devotados queriam dar uma sepultura cristã ao príncipe mártir, mas desejavam no fundo de si mesmos não descobrir a macabra evidência do infortúnio da nação. A ausência do corpo do rei no monte de corpos era um índice de esperança; ela evocava a possibilidade de uma fuga oportuna, de um abrigo inesperado e de uma sobrevivência extraordinária.²⁷

Quando Frei José Teixeira seguiu d. Antônio em seu exílio e anos depois do falecimento do Prior do Crato passou a defender a sobrevivência do Desejado, era biologicamente e cronologicamente factível que d. Sebastião estivesse vivo. Em 1601, ano da publicação de *Adventure admirable*, o Encoberto teria 47 anos. A dúvida sobre o destino real, por sua vez, foi alimentada por uma sequência rocambolesca de episódios e informações desconstruídas e ininterruptamente desmentidas que se seguiram ao quatro de agosto de 1578, conforme exposto anteriormente.

Diante da especificidade da *Adventure admirable*, o seu exame mais minucioso revela alguns pontos relacionados à sua produção, possíveis objetivos de sua escrita e formas de circulação. O primeiro diz respeito à língua da obra e do local de sua impressão: escrito em francês, foi publicada em 1601. Entretanto, é impossível lidar com este documento sem levar em consideração a possível existência de seu original ou alguma versão em português. A falta deste texto em língua portuguesa acaba por fortalecer a hipótese de que os escritos de teor sebastianista foram produzidos e circularam, inicialmente e predominantemente, fora dos espaços ibéricos e em outras línguas que não a portuguesa. Tal tese ganha força quando se observa a verdadeira

²⁷ _____. *O Rei oculto*, p. 194.



peregrinação que alguns antonistas convertidos em sebastianistas fizeram por vários espaços europeus, como foi o caso de Frei Teixeira.

A publicação francófona, disponível na seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro²⁸ traz consigo algumas informações: seu editor, Carlo Lauro, adverte que tomou conhecimento em Veneza, por uma carta escrita em castelhano, da existência dos textos de Frei Teixeira:

Assim, como ele teve a obrigação e interesse neste fato, desde a recepção desta carta, eu tenho como dever compreender as notícias de seu estado e situação. Então eu havia entendido que um religioso da Ordem dos Irmãos Pregadores (de nome Frei Jose Teixeira Português, personagem conhecido dos grandes e dos pequenos na Europa e por ela) escreveu desta cidade a um bispo seu amigo, um discurso das coisas que se passaram desde que o dito Rei começa a empreender a viagem à África até o presente: eu fui tão importunado [por] um sobrinho do dito Bispo, que tomei este discurso de suas mãos para enviá-la a seu tio, que ele não se desculpou de me enviar as mesmas. A leitura me foi tão agradável e prazerosa, que ela me deu coragem, e me facilitou a pena de traduzi-la rapidamente.²⁹

Esta passagem inicial traz à tona não só a questão da impressão ter sido feita em território francês, mas também sobre a circulação do texto, em forma manuscrita, por vários espaços geográficos até o momento de sua publicação.³⁰ Tendo o autor participado do séquito que seguiu d. Antônio em seu exílio, provocado pela derrota imprimida pelas tropas de Filipe II na Batalha de Alcântara, não é de se espantar que seus textos tenham sido divulgados pelos espaços que percorreu junto àquele que acreditava e defendia ser o legítimo sucessor do trono português. Entretanto, não encontrei até o momento nenhum outro vestígio da existência deste texto publicado em português, ou em Portugal, ou ainda em outra língua ou local. Uma vez que os

²⁸ Sob a cota 946.02 W1, BIS, 20, n.1. Seção de Obras Raras. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁹ TEIXEIRA, José. **Adventure admirable par dessus toutes les autres des siecles passez e presentes**. Paris: Carlo Lauro, 1601. pp. 3-4. Originalmente: “*Ainsi, comme luy ayant de l’obligation, & de l’interest en ce fait, depuis la reception de cette lettre, je me suis toujours mis en devoit d’entendre des nouvelles de son estat & succès. Ayat donc appris qu’un Religieux de l’Ordre des freres Prescheurs (nommé frere Joseph Terxere Portugais, personnage connu des grands & des petis em l’Europe, & par-delà) avoit escrit de cette ville à um Evesque sien amy, um discours des choses qui se sont passes depuis que ledit Roy comença d’entreprendre le Voyage d’Aphrique, jusqu’à present: i’ay tant importune vn neuen dudit Eusque, qui tenoit ce discours em ses mains pour l’enuoyer à son oncle, qu’il ne s’est peu excuser de me le remettre és miennes. La lecture m’em fut si agreable & plaisante, qu’elle me donna courage, & me facilita la peine de le traduire em diligence.*”

³⁰ Sobre a importância da circulação de textos manuscritos nos séculos XVI e XVII ibéricos, ver: BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001. Segundo o autor, a existência de textos impressos não eliminou os manuscritos, que seguiram sendo propagados, e que tinham uma lógica de produção e consumo própria. Para Alvarez, é necessário compreender as formas de trabalho que produziram os textos manuscritos, uma vez que na grande maioria dos casos, eles foram executados a várias mãos, de maneira simultânea. Tal diversidade de “produtores” simultâneos seria, segundo o autor, um sintoma da grande demanda por cópias de textos dos mais diversos gêneros.



antonistas se dispersaram a partir do ultimo local de estadia de D. Antônio, a impressão em Paris, e não em Lisboa, corrobora a tese de que tais escritos tiveram, também, um papel político na resistência à dominação Habsburgo, perceptível nos mais diversos espaços europeus.

O segundo aspecto a ser considerado quando da análise de *Adventure admirable* é a sua relação com os casos de falsos reis que proliferaram na Europa nos anos iniciais da Dominação Filipina. Nesse sentido, refiro-me especificamente ao caso do Falso de Veneza. Executado em forca a 23 de setembro de 1603, em Sanlucar de Barrameda, vilarejo da província de Cádiz, a trama enredada por Marco Tulio Catizone foi certamente a mais ousada, se levado em consideração o alcance, os envolvidos, e o desfecho dado ao caso.³¹ Os primeiros registros da história envolvendo o calabrês remontam a 1598, e informavam que um indivíduo havia se instalado num bairro pobre de Veneza e que se dizia português. Aos que o questionavam o fato de não falar a língua natal, era respondido que não o fazia devido a um juramento. Os boatos correram rápidos, e a suspeita de que se trataria de d. Sebastião cresceram a ponto de chamar a atenção do embaixador espanhol. A esta altura, já reinava em Espanha Filipe III, que delegou a investigação do caso à d. Inigo de Mendonça, e que este o alertasse o governo de Veneza sobre o impostor. As autoridades locais acataram a denúncia, e decidiram pela expulsão do impostor, o que não foi por ele acatado, resultando na solicitação do emissário espanhol às autoridades italianas, de que fosse o falsário preso. A favor de sua tese, d. Inigo argumentava que era necessário a apuração dos boatos e que, caso se comprovasse ser o acusado o verdadeiro rei, seu senhor Filipe III não hesitaria em lhe restituir a coroa, mas caso fosse comprovado o engodo, deveria o acusado ser exemplarmente punido.

Em 24 de novembro de 1598 o suposto rei foi preso. Nesse momento, sua história já tinha alcançado inúmeros ex-integrantes da corte de d. Antônio, como d. João de Castro e Frei José Teixeira, que partiram para Veneza, a fim de se inteirarem e, caso necessário, defenderem o rei que havia retornado. Marco Túlio ficou preso até 15 de dezembro de 1600. Ao longo deste quase um ano, foi imensa a movimentação de seus acólitos, que tentaram a todo custo, comprovar-lhe a autenticidade, assim como promover sua soltura. Ao que tudo indica, não foi somente a trajetória antonista que mobilizou Frei Teixeira a se envolver neste caso; teria ido à Veneza como enviado de seu senhor à época, Henrique IV. O rei francês tinha especial interesse no caso, uma vez que comprovada a identidade do suspeito, a restauração do reino português

³¹ Para maiores detalhes sobre o Falso de Veneza, ver: BERCE, **O rei oculto**, p. 48-67; HERMANN, **No reino do Desejado**, p. 194-199; VALENSI, **Fábulas da memória**, p. 120-124.



seria prejudicial à Espanha. Por outro lado, por mais que Henrique IV tenha recomendado a seu capelão toda a prudência no caso, Frei Teixeira buscou aproximar ao máximo seu senhor do caso. O apoio do rei francês à causa poderia significar a confirmação da legitimidade do postulante ao trono português.

A soltura do prisioneiro em dezembro de 1600 não foi, porém, um benefício. Ao contrário, fazia parte de sua punição: deveria deixar Veneza dentro de um dia, sob pena de ser condenado às galés caso descumprisse a sentença, decisão que desagradou imensamente Filipe III. Por sua vez, o exílio não foi cumprido pelo Falso de Veneza, que retornou a casa onde inicialmente se escondeu, e finalmente, foi reconhecido por seus seguidores. De lá, pretenderam levar o falso monarca até a França. No trajeto, passaram por Pádua, Livorno e Florença, onde foi novamente preso. Desta vez, repassado às autoridades espanholas, no início de 1601, retornado a Nápoles, onde foi novamente julgado. Neste derradeiro processo, assumiu sua real identidade, e confessou ter se envolvido no embuste após ter sido confundido algumas vezes com d. Sebastião por soldados italianos que participaram da batalha de Alcácer Quibir. Marco Túlio foi então condenado às galés perpétuas em meados de 1602, tendo sido embarcado para a Espanha. Após nova fuga, foi capturado em Sanlucar de Barrameda. Em setembro de 1603, o calabrês foi finalmente executado em público, tendo antes a sua mão direita decepada, como punição por se fazer passar por rei, e seu corpo esquartejado após sua descida da forca.

Por mais que após sua primeira fuga fracassada não tenha sido acompanhado por Frei Teixeira, ele desempenhou papel fundamental na divulgação do caso, defendendo de maneira peremptória a identidade de Marco Túlio como o rei Desejado. O meio utilizado por frei Teixeira nesta empreitada, foi dentre outras, a edição da *Adventure admirable*. Para além disso, conforme já indicado anteriormente, o conjunto da produção textual do dominicano tem relevância não só para o estabelecimento do que se pode classificar como sebastianismo “letrado”, mas também deve ser considerado como um dos textos centrais para a observação e delimitação da cultura política da época, quer pelo seu caráter de debate sobre a legitimidade da identidade do falso de Veneza, quer pela posição religiosa da qual o autor parte. Nesse sentido, Frederico Palomo destaca que

O ascendente do catolicismo não se manifestou apenas ao nível da construção de uma identidade portuguesa. Ele constituiu igualmente um fator determinante do modo de ver e entender a ordem política e social nos séculos XVI e XVII. Como tem vindo a ser demonstrado pela historiografia recente, os fundamentos cristãos e católicos sustentaram o



edifício teórico dos principais modelos de organização política, bem como uma boa parte dos discursos tecidos em torno das formas de poder no Portugal moderno. Nesse sentido, é preciso frisar, em primeiro lugar, o peso que assumiram os teólogos e, portanto, o discurso teológico na própria teorização do poder e da ordem social.³²

Obviamente, não há como considerar o pensamento político de Frei Teixeira como teológico, uma vez que ele não discorre sobre tópicos relativos à doutrina e fé. Ainda assim, é possível observá-lo na confluência entre político e teológico, uma vez que o autor acaba por aacionar em sua argumentação, pressupostos dos dois campos.

Por fim, o terceiro aspecto, ao qual me deterei agora, diz respeito à própria forma e estrutura do texto. Neste, após a justificativa do editor para a publicação, segue uma carta atribuída a um italiano de nome Giovanne Capugno, recebida por Teixeira. Nela, consta a defesa da tese de que o preso em Veneza era, de fato, o rei desaparecido no Marrocos, pois “ele tem as mesmas feições, as mesmas mãos, pés (sabemos ser os direitos maiores que os esquerdos) grandes, marcados com a mesma mancha, com os joelhos recurvados para dentro, como D. Sebastião, Rei de Portugal”³³. Além desta, Frei Teixeira afirmou ter recebido inúmeras outras cartas provenientes da cidade italiana e que afirmavam com veemência ser o prisioneiro veneziano o rei português desaparecido em Alcácer. Desta forma, a sua obra teria como objetivo responder os questionamentos sobre a sobrevivência do encoberto, assim como confirmar sua identidade. Para tanto, o religioso se debruçou sobre seis pontos, a partir dos quais defende sua tese, a saber: 1) a negação da morte de d. Sebastião na batalha; 2) a dúvida sobre a identidade do corpo sepultado em Lisboa; 3) o desaparecimento do monarca após a batalha; 4) tendo sobrevivido, em quais locais esteve perdido ou cativo; 5) como conseguiu escapar após a batalha de Alcácer; 6) sendo o prisioneiro de Veneza o verdadeiro rei, quando este retornaria ao reino?

Uma vez que a argumentação de Teixeira se direciona para a defesa do Falso de Veneza, destaco para observação o segundo ponto, visto que neste o autor rebate especificamente a questão tanto da morte quanto da identidade do corpo atribuído ao Desejado, debate já exposto no início deste trabalho. Sobre esta questão, a posição de Teixeira é clara: uma vez que o rei não havia morrido na batalha, o corpo trasladado para a capital do reino não era o seu. Esta linha de pensamento, aparentemente ingênua, se assenta sobre uma base sólida, tipicamente política, e que

³² PALOMO, Frederico. **A Contra-Reforma em Portugal (1540-1700)**. Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 19.

³³ TEIXEIRA, **Adventures admirables**, p. 7. No original: “*Il a la mesme effigie, les mesmes mains, pieds (sçavoir est les droits plus longs que les gauches) lage, marques, & la mesme démarche, avec les genoux recoubez em-dedãs, que D. Sebastian Roy de Portugal*”.



pode ser relacionada com a noção política da imortalidade real. Dessa forma, o autor faz duas considerações.

A primeira, de que a jornada foi acompanhada de religiosos de várias ordens, inclusive a dos Dominicanos (da qual ele mesmo fazia parte), que havia enviado 30 representantes. Estes acompanharam todos os preparativos da batalha, assim como seu desenrolar. Entre eles, encontrava-se o tio do autor, Manoel Teixeira, que relatou ter visto D. Sebastião “se retirar da batalha e embarcar em seu galeão, e que por certo ele estava vivo”³⁴. Tal declaração foi ratificada por vários outros testemunhos, que afirmam terem combatido ao lado do Desejado, e que mesmo ele estando ferido no braço, sobreviveu ao combate.

Entra aqui a segunda consideração: as qualidades positivas do monarca, que impediriam seu fracasso. Teixeira afirma que

Deus então deu (meu pai) aos cristãos um príncipe valente, ousado, corajoso, sábio, bom e justo, e sua ousadia em tão pouco tempo (ele estava na idade de 24 anos, sete meses e 15 dias) ele se mostra cruel e inútil em seu lugar, e quanto a mim, eu o levaria para tal.³⁵

Além de tais virtudes, originadas e legitimadas por Deus, havia ainda as profecias que justificaram a sobrevivência do rei. Se a origem dos vaticínios de cunho sebastianistas pode ser relacionada ao texto cuja autoria é atribuída ao Bandarra, estabelecer a quantidade de outras que se seguiram a ele, ou as que poderiam ter lhe influenciado previamente, apesar de tarefa extensa, pode apontar o sentido que tais textos assumiram nos distintos momentos em que foram elaborados. Além disso, tal “arqueologia” também permite refletir sobre a circulação desses textos (e das imagens e símbolos por eles operados), nos mais diferentes contextos sociais. Esta digressão sobre a tradição divinatória e profética lusitana pode explicar, por exemplo, o fato de que Teixeira recorre não só aos vaticínios relativos à trajetória de Afonso Henriques e o desfecho da Batalha de Ourique (1139), mas também a outras profecias conhecidas, como a de San Isidoro de Sevilha e de São Cirilo. Em contrapartida, não faz nenhuma referência às tradicionais Trovas do sapateiro de Trancoso.

As reflexões do religioso sobre estes tradicionais textos proféticos teriam, portanto, como função fundamental a argumentação de que não só o Desejado não havia morrido, mas,

³⁴ TEIXEIRA, **Adventures admirables**, p. 16. No original: “Le Roy Sebastien s’estoit retiré de la bataille, & s’estoit embarque dans son galion; que pour certain il estoit en vie.”

³⁵ _____. **Adventures admirables**, p. 17. No original: “Dieu donques ayant donné (mom Pere) aux Chrestiens un Prince si vaillant, hardi, courageux, sage, bon, & le seur ostant em si peu de temps (il estoit em l’age de 24 ans, 7 mois & 15 jours)il se monstre cruel & iniuste em leur endroit, & quando à moy j ele prendrois pour tel.”



principalmente de que ele não poderia morrer. Ao coloca-lo como herdeiro da tradição de Ourique, por exemplo, Teixeira investe numa linha argumentativa que valorizaria seu aspecto salvacionista, ou sacrificial como define Bercé. Da mesma forma, as reflexões do religioso dominicano se aproximam à imortalidade real analisada por Ernst Kantorowickz. Para o historiador inglês, apesar da simbiose entre o que chamou de “*corpo natural*” e o “*corpo político*” dos monarcas, há prevalência do corpo *político* sobre o *natural*, e a capacidade que aquele tem em encobrir as fraquezas deste. Nesse sentido, a crença e divulgação de que o corpo *natural* de D. Sebastião teria sobrevivido à Batalha de Alcácer Quibir se relacionaria com a teoria política dos *dois corpos*, que Kantorowickz destaca como possível de ser observada em outros espaços e tempos europeus, não sendo portanto, uma inovação inglesa³⁶. A imortalidade do corpo *político* garantiria, pois, a imortalidade do corpo *natural*³⁷. Consequentemente, considerando a vida regrada do monarca *desejado*, sua conhecida condição celibatária e associando tais aspectos à crença da imortalidade do corpo *político*, não era difícil que se divulgasse e acreditasse na ideia de que ainda no governo de Filipe III, o então rei português *encoberto* estivesse vivo. Política e biologicamente.

Desta forma, a articulação entre relatos de religiosos que acompanharam a batalha e de profecias conhecidas, assim como dos outros cinco questionamentos levantados por Frei Teixeira e não analisados aqui, fundamentaram a defesa de que o falso de Veneza era, de fato, o rei desaparecido na Batalha de Alcácer Quibir, e que todos os outros casos anteriores se tratavam de embusteiros. Ele afirma que

Nós sabemos que em Castela um pasteleiro de Madrigal se fez acreditar que ele era o rei D. Sebastião, e ele divulga inicialmente em segredo, depois como ele convenceu a cada um esta falsa opinião, ele foi reconhecido como um embusteiro, e por ter cometido um crime muito grave, executado pela justiça. Estes exemplos são revelados aos olhos, pois depois da perda do rei D. Sebastião em África, todos os portugueses sempre consideraram vivo e por este meio ele aparece suficientemente, que ele não estava morto, e que seu corpo não é o dele que foi enterrado como seu em Belém. De qualquer forma, por estes mesmos exemplos, V.S. ilustríssima poderá facilmente julgar, que este homem que está preso em Veneza, é o rei D. Sebastião mesmo, esperado em dois anos e cinco meses que passaram depois que ele começa a se manifestar, esta senhoria

³⁶ Para o autor, “embora não haja nenhuma dúvida de que a ficção legal dos Dois Corpos do Rei foi um aspecto característico do pensamento político inglês na era elisabetana e dos primeiros Stuarts, seria impróprio inferir que tais especulações se limitassem aos séculos XVI e XVII ou carecessem de antecedentes.” KANTOROWICKZ, Ernst. **Os dois corpos do rei**: um estudo sobre a teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 48.

³⁷ _____. **Os dois corpos do rei**, p. 18.



sempre retornava dia após dia, e mais parecia verdade, sem poder encontrar algum vestígio que o levaria a crer que certamente o que o embaixador de Castela disse contra este prisioneiro.³⁸

Mesmo que o caso tenha posteriormente sido julgado como farsa, e numa primeira condenação à expulsão de Veneza e quando em Espanha condenado ao enforcamento seguido de esquartejamento,³⁹ e ainda que não se tenha até o momento, notícias de outros falsos depois de Marco Túlio Catizone, o fato é que não diminuiu a espera sebastica. Ao longo do século XVII vários episódios associados ao sebastianismo tiveram lugar na Península Ibérica e mesmo fora dela. Por sua vez, a restauração da autonomia portuguesa em 1640 pelas mãos do Duque de Bragança não extinguiu a crença no retorno do monarca perdido no norte da África. Se para o jesuíta Antônio Vieira o rei desejado prometido nas trovas de Bandarra era o restaurador D. João IV, é possível que, entre os populares, a figura de D. Sebastião se mantivesse como detentor do binômio régio (e de seu simbolismo) *desejado/encoberto*, o que pode ser percebido, por exemplo, nos casos de visionárias processadas pela Inquisição, sob a acusação de, através do estabelecimento de pacto demoníaco, viajavam até as ilhas encobertas, incógnitas ou afortunadas, e nelas, mantiveram contato com o Encoberto.

³⁸ TEIXEIRA, **Adventures admirables**, p. 22. No original: “*Nous sçavons qu’em Castille vn patissier de Madrigal se fit accroire qu’il estoit le Roy Sebastian, & le publia du commencement ens ecret; puis comme il eut abreuué chacun de cette faulse opinion, il fut reconu comme vn abuseur, & pour auoir commis vn crime tres-grief, excecuté par iustice. Ces exemples sont conoistre à l’œil, que depuis l’aperte du Roy Dom Sebastian em Aphrique, tous les Portugaiçz l’ont toujours estimé viuant, & par ce moyen il appert susfsamment, qu’il n’est point mort, & que son corps n’est point celuy qui fut enterré comme sien em Bethlehem. D’ailleurs, par ces mesmes exemples V. S. Tres-illustre pourra facilement inger, que cet homme qui a este Prsionnier à Venise, est le Roy Dom Sebastian mesme; attendu qu’em deux ans & cinc mois qui sont passez depuis qu’il commença de se manifester, cette Segneurie a toujours trouué de iour em iour plus d’apparence de verité, sans pouuoir rencontrer aucune chose qui l’ait induit à croire pour certain ce que l’Ambassadeur de Castille alleuoit contre ce Prisionnier.*”

³⁹ HERMANN, No reino do Desejado, p. 271.